

3º PRÊMIO SECAP DE LOTÉRIAS

Concurso de Monografias

2019

MENÇÃO HONROSA 1

Uma análise das loterias de sorteios
de números com base na economia
comportamental

Autor:
Roberto Brás Matos Macedo

Realização



Idealização

SECRETARIA DE
AVALIAÇÃO, PLANEJAMENTO,
ENERGIA E LOTERIA

SECRETARIA ESPECIAL DE
FAZENDA

MINISTÉRIO DA
ECONOMIA

Apoio



Patrocínio



3º PRÊMIO SECAP DE LOTERIAS

Tema:

**A Regulação de Loterias no Brasil e Aspectos de Responsabilidade Social
Corporativa das Loterias**

Subtema:

Loterias de sorteios de números

Título:

**Uma análise das loterias de sorteios de números com base na
economia comportamental**

CONTEÚDO

Introdução.....	3
1. O que é a economia comportamental	5
1.1 Seus fundamentos	5
1.2. A visão de Kahneman	7
2. A opção pelo jogo em loterias no contexto da economia comportamental	12
3. A economia comportamental como base de propostas para aprimorar as escolhas individuais	15
3.1 Thaler e seus “nudges”	15
4. Sugestões de estímulos a melhores escolhas (EMEs) pelos apostadores em loterias e outras propostas	18
4.1 Difundir ampla e intensamente o conhecimento sobre as probabilidades de ganhos/perdas em cada tipo de loteria.....	19
4.2 Estimular os bolões que aumentam a probabilidade de ganho das apostas	22
4.3 Atuar no sentido de fazer com que as apostas sejam moderadas	22
4.4 Parceria com o IBGE para obter mais dados sobre apostas e apostadores	24
4.5 Prover mais recursos para pesquisas sobre as loterias no Brasil, em particular sobre o comportamento dos apostadores.....	25
4.6 Prover assistência aos apostadores que exageram no jogo	
4.7 Um portal próprio para o conjunto das loterias da Caixa, o loteriascaixa.gov.br ou caixaloterias.gov.br	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

Introdução

Ao envolver dinheiro, o ato de apostar em loterias de sorteios de números, a seguir referidas apenas como loterias, é uma decisão financeira. Nesse contexto, a aposta pode ser considerada um investimento, pois o apostador tem a expectativa de obter ganho ou retorno. Entretanto, dadas as características típicas de um investimento financeiro – a liquidez, a rentabilidade e o risco –, o jogo em loterias é muito peculiar. Realizada a aposta, o dinheiro some, ou sua liquidez é zero. Apurado o resultado, a liquidez e a rentabilidade dependerão do ganho eventualmente auferido, cuja liquidez seria total. Entretanto, como o risco de perda é altíssimo, em geral os apostadores perdem seu investimento. Assim, o elemento predominante do investimento em loterias, é o altíssimo risco de perda.

Por que então as pessoas jogam nas loterias – e milhões no Brasil o fazem regularmente –, se essa perda total do investimento é o resultado predominante e com altíssima probabilidade?

Para responder esta pergunta e outras de interesse do tema abordado neste texto, ele foi dividido em quatro seções. A Seção 1 apresenta a visão científica conhecida como economia comportamental, que aponta a racionalidade limitada do ser humano, em contraponto à análise tradicional ou neoclássica, que supõe ser ele sempre racional. A Seção 2 explica a opção pelo jogo em loterias no contexto da economia comportamental. A Seção 3 elabora sobre o uso da economia comportamental como base de propostas para aprimorar a racionalidade das escolhas em geral e no contexto as loterias. A Seção 4 aponta implicações da análise para medidas de políticas públicas que facilitem e aprimorem o processo decisório dos apostadores e a comunicação das loterias relativamente a eles.

Elas incluem: difundir ampla e intensamente as probabilidades de ganhos/perdas em cada tipo de loteria; o encorajamento das apostas via bolões para aumentar as probabilidades de ganho ou reduzir as de perdas; atuar no sentido de fazer com que as apostas sejam moderadas, para não comprometerem o orçamento do apostador; parceria com o IBGE para obter mais dados sobre o jogo em loterias e seus apostadores; alocar mais recursos para pesquisas sobre as loterias no Brasil, em particular sobre o comportamento dos apostadores; prover assistência aos apostadores que exageram no jogo; e um portal próprio para o conjunto das loterias da Caixa Econômica Federal, a seguir referida apenas como Caixa, o loteriascaixa.gov.br ou caixaloterias.gov.br.

As recomendações apresentadas partem do pressuposto de que não cabe proibir o jogo em loterias, pois o jogo é parte da natureza humana, e isso só levaria à ampliação do jogo ilegal. Ademais, as loterias trazem recursos para o governo e para as várias atividades a que se destinam. E, em geral e em média, apostadores brasileiros gastam nessa atividade uma parcela muito pequena do seu orçamento, 0,27%, conforme a Pesquisa de Orçamentos Familiares do IBGE de 2017-2018, a seguir referida como POF-IBGE 2017-2018, que será abordada na Seção 4.

Conforme Haisley, Romel e Lowenstein (2008), pesquisas sobre loterias estaduais nos Estados Unidos revelaram que lá os apostadores gastam aproximadamente 3% da sua renda nesse jogo, e que essa porcentagem tende a ser maior em famílias mais pobres, assunto que também será objeto da mesma seção.

Com essa estrutura, além do tema geral e do subtema proposto para esta monografia, o texto tocará em outros subtemas listados no edital do concurso a que ela se destina: e a necessidade de proteção dos consumidores-apostadores,

transtornos de jogos, o Jogo Responsável, envolvimento de pesquisadores científicos, e tem recomendações no seu conjunto ligadas à “obtenção de um ambiente em que o ato de apostar aconteça em uma posição de equilíbrio entre a geração de receita, entretenimento e experiência do consumidor (...)”, conforme o mesmo edital.

Referências bibliográficas ao longo do texto são listadas ao seu final.

1. O que é a economia comportamental

1.1 Seus fundamentos

É um ramo da ciência comportamental que analisa o comportamento do ser humano nos fundamentos psicológicos das decisões que toma. Nos seus primórdios a economia comportamental era chamada de psicologia econômica, e esse termo ainda é usado. Mas essa nova visão científica atraiu tanto o interesse de economistas, e teve tão ampla aplicação na esfera das decisões econômico-financeiras, que a economia comportamental se consolidou como área analítica específica e de relevo, incluindo também as finanças comportamentais, estas mais focada nas decisões ligadas aos mercados financeiros.

A visão tradicional ou neoclássica dominou a análise econômica do comportamento individual, das empresas e dos mercados a partir de meados do século passado. Segue um modelo no qual os atores mais relevantes são os indivíduos e as empresas. Quanto aos indivíduos, foco do nosso interesse, pressupõe que, dados os recursos disponíveis, racionalmente procuram maximizar a satisfação, utilidade, interesse próprio, ou bem-estar derivados do consumo de bens e serviços. Outra premissa é a de que esses agentes econômicos estão bem informados sobre o objeto de suas decisões, e atuam em mercados perfeitamente competitivos.

Livros-textos, artigos e pronunciamentos de economistas que seguem esse enfoque não deixam de abordar exceções a mercados desse tipo, como a presença de empresas que concentram ou monopolizam a oferta e impõem preços, mas pregam a regulação governamental para discipliná-las, vendo a concorrência perfeita como ideal.

Num processo que ganhou força a partir da última década do século passado, a economia comportamental, em escala crescente, passou a ganhar espaço, e mais fortemente nas duas últimas décadas, já sendo hoje incorporada inclusive em livros-textos de análise econômica.¹ E há, entre outros periódicos da área, o *Journal of Behavioral Economics* e o *Journal of Behavioral Economics for Policy*.

Recentemente, em 2018, foi publicado um manual de grande porte, com amplo e denso conteúdo sobre economia comportamental. Em dois volumes, o conjunto tem 13 capítulos, 24 autores e 1.241 páginas.² Tudo isso é sinal de que a economia comportamental já se consagrou como uma área de importância na análise econômica.

Com seus fundamentos na Psicologia, a economia comportamental adota uma linha voltada para o que de fato se passa na cabeça das pessoas, e o impacto disso nas suas ações e decisões, não se limitando, como a teoria neoclássica, às referidas suposições simplistas quanto ao que se passa lá dentro.³

Noutras palavras, a economia comportamental procura atender à necessidade de uma visão mais complexa e realista dos interesses e processos decisórios

¹ Por exemplo, Goodwin et al (2015).

² Douglas Bernheim, B., DellaVigna, S. e Laibson, D. (2018).

³ Em português, visões dessa análise podem ser encontradas em Mosca (2009) e Ferreira (2008). O primeiro autor é economista; a segunda, psicóloga.

peçoais, em particular apontando comportamentos dissonantes do pressuposto de racionalidade do modelo neoclássico. Mas não afirma que as pessoas são irracionais, mas sim que sua racionalidade é limitada. E esse enfoque não é algo abstrato, pois é centrado na observação do comportamento humano, mediante experimentos com as próprias pessoas, dos quais se infere como realmente raciocinam.

1.2. A visão de Kahneman

Para prosseguir, recorreremos a um dos maiores expoentes da economia comportamental, o psicólogo Daniel Kahneman, professor da universidade de Princeton (EUA), que por suas análises recebeu o Nobel de Economia de 2002. Na sua visão, as pessoas muitas vezes fazem escolhas intuitivamente a partir de crenças, experiências e outras influências, num processo que exhibe racionalidade limitada. São pensamentos e opções que vem à mente rapidamente e sem muita reflexão.

Mais especificamente, Kahneman (2003) ressalta que o processo decisório aciona dois sistemas de pensar: o Sistema 1, automático e rápido, essencialmente intuitivo, muito influenciado por instintos e emoções, nem sempre racional; e o Sistema 2, mais elaborado e controlado, que toma mais tempo e onde a racionalidade é mais presente.⁴

Nas decisões financeiras, esse processo dual faz com que muitas decisões sejam tomadas apenas pelo Sistema 1, sem maiores reflexões. Isto ocorre quando, por exemplo, a pessoa prefere recompensas imediatas às futuras, levando à

⁴ Foi essa distinção da forma de pensar que deu o título de “Thinking, fast and slow” (Pensando rápido e devagar), ao livro de Kahneman (2011), em que aborda suas contribuições numa linguagem mais acessível que a de seus artigos científicos originais, alguns dos quais referidos mais à frente. A primeira edição desse livro em português é Kahneman (2012).

comumente frágil provisão de recursos para aposentadoria. E, ainda, quando opta por vícios como o fumo, alcoolismo e drogas, buscando prazeres sensoriais imediatos, sem levar em conta implicações futuras para a sua saúde e o seu impacto financeiro.

A economia comportamental propõe que o aprendizado sobre como as decisões são tomadas e sobre as informações em que se devem basear, bem como a experiência decisória adquirida, ao fortalecerem a ação do Sistema 2, ampliam a ocorrência de decisões mais bem fundamentadas e mais racionais. Chamamos a atenção para esta afirmação, pois significa que conhecimentos, informações e experiências são importantes para levar a decisões com fundamentos mais sólidos e mais racionais. Ou seja, vale a pena aprender, uma visão que este texto adota na sua análise e nas sugestões que oferece na Seção 4.

Como exemplo de que o Sistema 1 é mais intuitivo e rápido ao decidir e não controlado pelo Sistema 2, Kahneman (2003) recorre a um problema, no qual foram introduzidas modificações formais para contextualizá-lo no Brasil: “Um pãozinho e uma bala custam R\$1,10 no total. O pão custa R\$1 mais que a bala. Quanto custa a bala?” Submetida a um grupo de estudantes, a tendência inicial, vinda do Sistema 1, foi a de rápida e intuitivamente responder R\$0,10, pois o referido valor total se separa naturalmente entre R\$1 e R\$0,10. Mas, pelo Sistema 2 percebe-se que tal resposta está errada, pois se a bala custasse R\$0,10 e o pãozinho R\$1 a mais que ela, ou seja, R\$1,10, a soma dos dois alcançaria R\$1,20. Kahneman não dá a solução, mas uma reflexão pelo Sistema 2 leva à bala a R\$0,05 e ao pãozinho a R\$1,05 como a resposta correta.

Na avaliação do processo que antecede a decisão, Kahneman também detalha por que alguns pensamentos vêm mais rapidamente à cabeça pelo Sistema

1 ou são mais acessados do que outros. Ele identifica três tipos de acesso: (i) na forma ou maneira de reagir diante de diferentes formas com que fatos, situações ou questões são apresentados, enquadrados ou se colocam diante de pessoas ao tomarem decisões; ou seja, diferentes formas de apresentação podem levar a decisões diferentes, mesmo quando a natureza do que foi apresentado seja a mesma; (ii) o uso de experiências e hábitos, em particular nas complexas decisões que envolvem incertezas e riscos;⁵ (iii) conforme a sua Teoria da Prospecção, também voltada para decisões envolvendo riscos.

Começando por essa teoria, foi exposta inicialmente num estudo de Kahneman e Tversky (1979).⁶ Em situações de risco, ela vê as pessoas a prospectar, como que a garimpar em busca de ganhos, mas, principalmente, preocupadas em evitar perdas, pois estas lhe causariam maior desconforto, inconveniência ou “desutilidade”, mesmo se de valor absoluto idêntico ao de ganhos.

Na prática financeira essa teoria procura explicar, por exemplo, porque investidores costumam ser mais propensos a vender ações cujos preços subiram – para realizar logo os ganhos correspondentes –, do que as que trouxeram perdas de valor absoluto idêntico, evitando assim o descontentamento de realizá-las.

Passando a (i) e (ii), conforme acima neste texto, são explicações das razões pelas quais surgem decisões que não correspondem às melhores escolhas. No primeiro caso, uma razão é chamada de enquadramento (em inglês, “framing”). Um exemplo mostra como um enquadramento pode levar a uma escolha que

⁵ Esse autor, junto com Tversky, inicialmente falava de incerteza em Tversky e Kahneman (1974). Depois, passaram a riscos em Kahneman e Tversky (1979), conforme mostram os títulos desses dois artigos.

⁶ Esse artigo e o de Tversky e Kahneman (1974), são apontados como os que levaram Kahneman ao prêmio Nobel. Tversky já havia falecido nessa ocasião, mas Kahneman sempre dividiu com ele o mérito intelectual da conquista.

contraria o pressuposto de racionalidade, ao mesmo tempo em que outro enquadramento pode induzir à escolha racional. Assim, nos EUA uma modificação da forma com que uma empresa oferecia um mesmo plano de previdência privada a seus trabalhadores aumentou a adesão ao plano.

Na primeira forma, o empregado tinha que manifestar por escrito a sua opção de ingressar (em inglês, “opt in”) no plano. Mas, uma parcela importante não fazia isso, estranhamente perdendo o benefício das contribuições dos seus empregadores. Estranhamente porque com a empresa pagando a mesma contribuição do empregado, e em benefício deste, muitos não aderiam ao plano. Era como perdessem um retorno imediato de 100% da contribuição que pagariam. Ou seja, uma decisão nada racional e em contraste com um dos pressupostos da teoria neoclássica, de que os indivíduos procuram tirar o máximo proveito das suas decisões.

Entretanto, quando o plano mudou a forma de decisão do empregado, automaticamente o inscrevendo, mas tendo a opção de sair (“opt out”), o número de participantes cresceu sensivelmente.⁷ Ou seja, na primeira forma de oferecer a opção, muitos a contemplavam pelo Sistema 1 da análise de Kahneman; mudada essa forma, o Sistema 2 foi acionado e muitos mais optaram pela adesão.

Portanto, a diferente acessibilidade da informação ou o enquadramento com que é apresentada influencia as decisões, o que a visão tradicional ignora ao supor que as pessoas são racionais e bem informadas, e saberiam distinguir um mesmo conteúdo ainda que apresentado de formas diferentes. E, indo mais a fundo nesse

⁷ Carrol et al.(2005).

exemplo do fundo de pensão, o que muitas vezes levava as pessoas a não ingressar nele era sua tendência a procrastinar decisões, o que frequentemente ocorre.

Essa questão da forma ou enquadramento com que as decisões são apresentadas aos indivíduos tornou-se muito importante nas aplicações da economia comportamental, pois cabe em muitos casos. O termo “arquitetura de escolhas” passou a ser usado para sugerir modificações em modos de escolha que se mostraram inadequadas, o que será usado em recomendações da Seção 4.

Quanto ao uso de experiências, percepções e práticas anteriores, Tversky e Kahneman (1974) argumentaram que ao decidir em condições de incerteza muitas pessoas deixam de lado a complexidade de avaliar probabilidades e de fazer previsões. Com isso, decidem com base em raciocínios simplistas muitas vezes equivocados. No artigo citado, esses dois autores tratam de 12 casos em que raciocínios simplistas ocorrem, os chamados vieses, e criam conceitos para cada caso, com os apostadores demonstrando, como já foi assinalado, desinteresse pelas probabilidades, ou, mais tecnicamente, mostrando “insensibilidade à probabilidade 'a priori' de eventos”. É como se optassem por um caminho entendido como um atalho, mas que pode se revelar equivocado. Entre esses vieses selecionamos de ancoragem, quando a pessoa se ancora em alguma informação para tomar decisões, e um similar, o de disponibilidade, quando essa ancoragem é feita na informação de disponibilidade mais imediata.

Como um exemplo que combina a dificuldade de refletir sobre probabilidades e o recurso à informação disponível, os referidos autores dão o de pessoas que examinam traços pessoais de outra para responder à seguinte pergunta: em que tipo de ocupação uma pessoa estaria trabalhando dada uma lista de ocupações possíveis, que incluía as de trabalhador agrícola, vendedor, piloto de aeronaves,

bibliotecário e médico? Os traços eram de uma pessoa tímida, prestimosa, que apreciava detalhes, e ver tudo em ordem, de forma bem estruturada.

Na resposta, com essas informações disponíveis, as pessoas fizeram apenas associações dessas características a ocupações específicas, usando somente um raciocínio de similaridade. Nesse caso, tomando as características pessoais da pessoa como o estereótipo de um bibliotecário, e concluindo que provavelmente estaria empregada como tal. Contudo, esse raciocínio deixou de lado a probabilidade de que a pessoa encontraria emprego como bibliotecário. Por exemplo, se essa pessoa vivesse numa região onde o número de ocupados no trabalho agrícola fosse muitíssimo maior do que o de bibliotecários, o mais provável seria que estaria ocupada nesse trabalho, e isso deveria ser levado em conta ao responder.

Não serão abordados os demais casos tratados por esses autores relativos aos atalhos decisórios ligados a experiências e hábitos, mas os que já foram citados, o de enquadramento decisório ou da arquitetura de escolhas, o de insensibilidade à probabilidade de eventos, e os vieses de ancoragem e disponibilidade serão utilizados na próxima seção para contextualizar as apostas em loterias no contexto da economia comportamental.

2. A opção pelo jogo em loterias no contexto da economia comportamental

Do que foi visto na seção anterior, pode-se perceber que vários aspectos são pertinentes às loterias de números, e explicam por que os apostadores continuam realizando seus jogos apesar de a perda do valor apostado ser o resultado usual.

O desprezo ou ignorância da análise das probabilidades ligadas à tomada de decisões, conforme ressaltada por Kahneman na forma descrita na seção anterior,

leva a maioria dos apostadores a decidir por outros critérios. Na nossa visão, elas recebem as notícias de pessoas que ficaram milionárias nesse jogo, e simplesmente imaginam que se alguém ganhou elas também poderão ganhar. Isso é apenas possível, mas não é provável e equivale a sobrestimar a probabilidade de ganho. Ou seja, ocorre o viés de disponibilidade de informações.

Outra explicação é dada por Haisley, Romel e Lowenstein (2008), segundo a qual apostadores se mostraram (tradução) “...mais propensos a jogar quando eles eram induzidos a perceber que sua própria renda era baixa relativamente a um padrão implícito.’ Ou seja, essa renda relativa influenciava a compra de bilhetes de loterias, com os apostadores (tradução) “... vendo a loteria como um dos poucos meios disponíveis para ‘corrigir’ o seu relativamente baixo status de renda”.⁸ Isso pode ser descrito como um viés de ancoragem.

Crouch (2008), recorre à economia comportamental para analisar o que chama de “loteria das patentes” de inovações, mas de início aborda a de números e assinala que uma explicação para (tradução) “... a popularidade da loteria de números, apesar de sua baixa probabilidade de ganho, é que a potencial excitação de ganhar o prêmio maior e a instantânea riqueza tem um apelo envolvente, especialmente quando comparado com a rotina do trabalho diário.”⁹

O mesmo autor também assinala que os apostadores são muito sensíveis ao tamanho do prêmio objeto da aposta e, de novo, relativamente insensíveis à probabilidade de ganho ou de perda. Ele diz que o sistema de loterias estaduais dos EUA entende esse “efeito loteria” focando mais no marketing do tamanho do prêmio,

⁸⁸ Haisley, E., Romel, M., e Lowenstein, G. (2008), *Journal of Behavioral Decision Making*, 21:283-295.

⁹ Crouch, D. (2008).

ao mesmo tempo em que praticamente ignoram informações sobre as probabilidades de sucesso.

Também aponta que (tradução) "... a maioria dos bilhetes de loteria tem várias características comuns, incluindo um preço baixo, uma baixa probabilidade de ganho e um prêmio de grande magnitude." Mas, o apostador (tradução) "... na realidade tem algum controle quanto a aumentar a probabilidade de ganho ampliando o número de apostas ou recorrendo a parcerias com outros apostadores.¹⁰ Pode também alterar o valor do prêmio recorrendo a loterias que oferecem um valor menor a um custo mais baixo.

Passando a outro aspecto da economia comportamental com relação às loterias, a Teoria da Prospecção também examinada na seção anterior, como foi visto, atribui maior valor a perdas do que a ganhos no processo de escolha. Mas vale notar que essa teoria fala de perdas e ganhos de valor absoluto equivalente, e no caso das loterias os prêmios são hipotéticos e, usualmente, infinitamente maiores do que o valor usual das apostas. Ou seja, não se pode dizer que Teoria da Prospecção esteja em contradição com a decisão de apostar.

Em síntese, a economia comportamental oferece quatro aspectos pertinentes à análise da opção por loterias que são: a chamada arquitetura de escolhas, de aplicação mais geral na formulação de políticas públicas sobre essas escolhas, o desprezo das probabilidades, e os vieses de disponibilidade de informações e de ancoragem em raciocínios que racionalmente não justificariam racionalmente a decisão de apostar.

¹⁰ O que, no Brasil, chamamos de bolões.

Além da visão da economia comportamental, há no comportamento do apostador algo que é pertinente à ciência comportamental em geral e a uma de suas disciplinas, a Psicologia. Pode acontecer que o comportamento como apostador degenera a ponto de se tornar um vício, na mesma linha do que ocorre com o tabagismo, o alcoolismo, o uso de drogas e outros tipos de jogos, como o de cartas e de roletas. Não que a economia comportamental não tenha nada a dizer, pois não deixa de apontar a falta de racionalidade dessas opções e o prejuízo econômico que elas trazem. Mas elas são mais ligadas ao campo da psicologia, da psicoterapia e sujeitas a tratamentos que recomendam. Em qualquer caso, entende-se que o jogo compulsivo em loterias também é um tema comportamental e na Seção 4 ele também será objeto de uma das recomendações.

Vale ressaltar, com base na análise até aqui realizada, que na economia comportamental o foco do interesse é natureza do comportamento e como modificá-lo se apresenta distorções, e não só ficar a dizer se é racional ou não.

3. A economia comportamental como base de propostas para aprimorar as escolhas individuais

Esta seção se concentra na maneira com que economia comportamental atua no sentido de alterar comportamentos humanos. Em outras palavras, além dos diagnósticos que elabora, a economia comportamental se estende a proposições para eliminar ou aliviar efeitos de comportamentos assentados na racionalidade limitada que aponta no comportamento do ser humano.

3.1 Thaler e seus “nudges”

A referência básica sobre como influenciar comportamentos é a obra de Richard H. Thaler, um economista professor da Universidade de Chicago. Suas

contribuições para a economia comportamental se incluíram entre os méritos que o levaram ao Nobel de Economia recentemente, em 2017.

Recorde-se que essa universidade, por meio do seu Departamento de Economia, teve papel fundamental na edificação da teoria tradicional ou neoclássica, com destaque para seu professor e economista Milton Friedman, que também recebeu o Nobel da área, em 1976. Assim, pode parecer um paradoxo que essa mesma universidade tenha acolhido Thaler nos seus quadros, pois ele se contrapôs a essa linha tradicional. Contudo, Thaler é professor não do Departamento de Economia, mas da Business School ou Escola de Negócios da universidade, que pela sua natureza é mais voltada para comportamentos empresariais, muitas vezes com estudos de casos que lembram a metodologia da economia comportamental.

Ademais, mesmo o departamento de Economia da mesma universidade hoje é mais aberto a outros enfoques, com destaque para seu professor James Heckman, Nobel de Economia em 2000, muito conhecido por pregar políticas públicas intervencionistas que contribuam para o desenvolvimento pessoal na primeira infância. Entre suas sugestões destacam-se visitas de especialistas às famílias, para fazer com que as mães tomem medidas de estímulo intelectual na forma de conversas frequentes com os filhos, o que parece algo próximo de oferecer-lhes outra “arquitetura de escolhas” nessa fase inicial da vida, arquitetura essa objeto de referência na seção anterior.

Thaler se tornou muito conhecido ao usar em inglês o termo “nudge” para induzir as pessoas a comportamentos mais racionais. Nos dicionários em inglês essa palavra significa empurrar gentilmente, como com o cotovelo, para chamar a atenção de uma pessoa para alguma coisa. Ou mover, empurrando gentilmente, alguém a fazer algo.

A obra de Thaler que ganhou maior alcance foi Thaler e Sunstein (2019), , cuja primeira edição ocorreu em 2008, pela Yale University Press. Seu título é “Nudge – Improving Decisions about Health, Wealth e Happiness.” Mas, nas edições brasileiras “nudge” permaneceu em inglês e, na capa, só foi traduzido o subtítulo, que ficou “Como tomar melhores decisões sobre saúde, dinheiro e felicidade.” Será proposto um termo mais adequado, o que também evita mais um anglicismo em nossa língua.

Numa das versões em espanhol, “nudge” foi traduzido como “Um pequeño empujón” seguido do subtítulo “El impulso que necesitas para tomar mejores decisiones...”¹¹ Nessa linha, no Brasil “nudge” costuma ser traduzido como “empurrãozinho”. Essa tradução parece ter sido influenciada pela imagem, estampada em várias edições do livro, em inglês, português e outras línguas, de um elefante gentilmente usando sua tromba para induzir seu filhote a caminhar, conforme a Figura 1. Não nos parece uma imagem adequada, e caso a dificuldade é que a economia comportamental é voltada para seres humanos, em particular os adolescentes e adultos, cujas percepções e reações são muitíssimo mais complexas que as de uma filhote de elefante. Assim, os “nudges” precisam ser mais sofisticados.

Figura 1



Fonte: Thaler (2009)

¹¹ Essa versão foi encontrada no site amazon.com.

Em face dessas objeções, a opção foi por traduzir “nudge” por estímulos a melhores escolhas (EMEs), termo esse que será utilizado nas recomendações que seguirão. O “nudge” é essencialmente uma forma de estímulo adaptada às circunstâncias.

4. Sugestões de estímulos a melhores escolhas (EMEs) pelos apostadores em loterias e outras propostas

Antes de prosseguir vale insistir, como na introdução a este texto, que as sugestões que se seguem não têm o objetivo de fazer com que o apostador em loterias abandone essa atividade. Entende-se que o apelo delas e de outras formas de jogo é irresistível, e que proibi-las ou restringi-las seriamente levaria a uma forte expansão do jogo ilegal. Isso, além cessar ou reduzir o fluxo de recursos que vêm das loterias bancadas pelo governo, destinados a várias finalidades de interesse público.

Tais recursos alcançam magnitude considerável, e no caso da Mega-Sena e outras cinco loterias alcançam 11 dessas finalidades, conforme a Tabela 1. As informações nela contidas significam que a cada R\$1,00 apostados, essas instituições recebem R\$0,38, ou 37,52% do valor total. Assim, e são permanentemente grandes ganhadoras das loterias.¹²

¹² Na Loteria Federal, em comparação com a Tabela 1, o número de atividades que recebem recursos é menor, com o que o valor do prêmio bruto total é maior: 55,91% (<http://www.loterias.caixa.gov.br/wps/portal/loterias/landing/federal>). Na Timemania a distribuição também diferente da Tabela 1, em particular por envolver recursos para times de futebol (<http://www.loterias.caixa.gov.br/wps/portal/loterias/landing/timemania>). Na Loteca a distribuição também é diversa, a principal razão sendo a bem maior contribuição para o Ministério do Esporte (Ministério da Cidadania). (<http://www.loterias.caixa.gov.br/wps/portal/loterias/landing/loteca>). A Lotogol tem a mesma distribuição da Loteca (<http://www.loterias.caixa.gov.br/wps/portal/loterias/landing/lotogol>). A Tabela 1 vale para as outras seis loterias administradas pela Caixa.

Tabela 1
Loterias de Prognósticos Numéricos
Destinação da Receita de Apostas – Em %

Prêmio Bruto	43,35
Seguridade Social	17,32
Fundo Nacional da Cultura – FNC	2,92
Fundo Penitenciário Nacional – FUNPEN	1,00
Fundo Nacional de Segurança Pública – FNSP	9,26
Ministério do Esporte (Ministério da Cidadania)	2,46
Fenaclubes	0,04
Secretarias de esporte, ou órgãos equivalentes, dos Estados e do Distrito Federal	1,00
Comitê Brasileiro de Clubes – CBC	0,50
Confederação Brasileira do Desporto Escolar – CBDE	0,22
Confederação Brasileira do Desporto Universitário – CBDU	0,11
Comitê Olímpico Brasileiro – COB	1,73
Comitê Paralímpico Brasileiro – CPB	0,96
Despesas de custeio e manutenção:	19,13
Comissão dos lotéricos* 8,61%	
Custeio de despesas operacionais: 9,57%	
Fundo de Desenvolvimento de Loterias – FDL: 0,95%	
Total	100,00

* Comissão dos lotéricos referente às vendas nos Canais Eletrônicos: 3,11%
 Fonte: <http://loterias.caixa.gov.br/wps/portal/loterias/landing/megasena/>

As propostas apresentadas a seguir em geral também se assentam no princípio da Responsabilidade Social Corporativa seguido pelas loterias do governo federal.

4.1 Difundir ampla e intensamente o conhecimento sobre as probabilidades de ganhos/perdas em cada tipo de loteria – Como as da Mega-Sena apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2
Probabilidades de acerto na Mega-Sena

Quantidade de n ^{os} jogados	Valor de aposta	Probabilidade de acerto (1 em)		
		Sena	Quina	Quadra
6	3,50	50.063.860	154.518	2.332
7	24,50	7.151.980	44.981	1.038
8	98,00	1.787.995	17.192	539
9	294,00	595.998	7.791	312
10	735,00	238.399	3.973	195
11	1.617,00	108.363	2.211	129
12	3.234,00	54.182	1.317	90
13	6.006,00	29.175	828	65
14	10.510,50	16.671	544	48
15	17.517,50	10.003	370	37

Fonte: <http://loterias.caixa.gov.br/wps/portal/loterias/landing/megasena/>

Informações mais amplas e acessíveis sobre as probabilidades deveriam ter maior destaque nos volantes de cada jogo, em posters colocados nas casas lotéricas, num telefone para consultas, e num site específico das loterias, objeto de proposta na subseção 4.5, e noutras formas de comunicação.

Isso não ocorre adequadamente nos versos dos volantes consultados, de nove loterias (Mega-Sena, Lotofácil, Quina, Dia de Sorte, Dupla Sena, Timemania, Loteca e Lotomania), pois o respectivo texto é mínimo e em letras miúdas, começando por falar genericamente de possibilidades e especificamente de probabilidades na forma de números. Ora, o termo possibilidades deve ser substituído por probabilidades. Um dicionário consultado (Houaiss) mostra que possibilidade não é sinônimo de probabilidade, e só esta é quantificada. Ademais, os números apresentados o são de forma ininteligível para o cidadão comum. Por exemplo, no caso de Mega-Sena está escrito que a probabilidade ou chance de

acertar o prêmio maior com uma única aposta de seis números é 1:50.063.860 sem explicitar o significado do sinal : que se segue ao número 1, como uma em ou uma entre.

Deve-se ter em mente que as pessoas não estão acostumadas a lidar com probabilidades e tampouco com grandes números. Talvez as lições sobre o assunto devesses começar com o conhecido jogo de dados, onde a probabilidade de acertar um de seus seis lados ou números é uma em seis, e mesmo aí erramos na maioria das vezes, pois a probabilidade de erro é de 5 em 6. E a partir daí dizer que na Mega-Sena a probabilidade é uma em 50 milhões, em números redondos, de acertar o prêmio maior com uma única aposta de seis números, o que é infinitamente mais difícil do que acertar um número no jogo de dados, facilitando o entendimento. Obviamente os volantes são pequenos no seu tamanho, mas caberia uma forma mais simples de se referir ao assunto, como nessa comparação com o jogo de dados, e oferecendo outras opções de consultas sobre probabilidades.

Uma questão interessante é porque mesmo as probabilidades de acerto sendo tão mínimas, como nesse caso do prêmio maior da Mega-Sena, esse prêmio acaba saindo, ainda que às vezes acumulando de um sorteio para outro. Ainda que não tenham sido encontradas informações sobre o número de apostas por sorteio, acredita-se que elas alcancem a casa dos milhões e até a de dezenas de milhões quando os prêmios se acumulam ou são mais atrativos, como na chamada Mega da Virada do ano. Com essas quantidades de apostas, a probabilidade de ocorrer o acerto aumenta enormemente e por isso ele acaba ocorrendo.

Um bem maior esclarecimento das probabilidades, além de ser um EME para o apostador, também significaria, na linha da Responsabilidade Social Corporativa,

uma evidência de sua aplicação, de modo a torná-lo mais consciente quanto a eles, e podendo decidir sabendo disso.

4.2 Estimular os bolões que aumentam a probabilidade de ganho das apostas - Também tomando como exemplo a Mega-Sena, qualquer bolão que envolva mais de seis números apostados tem maior probabilidade acerto.

Este EME dos bolões, que também é uma outra arquitetura de escolha oferecida ao apostador, abrange também a sugestão de fazê-los com parentes, amigos, colegas de trabalho, condôminos de imóveis, network de apostadores diversos e outros casos, o que também ampliaria o conhecimento das loterias. O objetivo dos bolões é sempre o de aumentar a probabilidade de ganho, com repartição do prêmio entre os participantes, ou seja, um prêmio individualmente menor, mas com maior probabilidade de ganho. Poderão também ser usados os bolões oferecidos pelas próprias casas lotéricas, mas sempre esclarecendo que nesse caso há um custo adicional.

Aliás, o site da Caixa faz esse esclarecimento individualmente para as várias loterias que oferece, exceto a Federal.¹³ A dificuldade no caso é chegar a essa informação, pois as oferecidas pelo site estão muito dispersas, e têm páginas com espaço mal aproveitado, isto é, sem texto ou figuras, entre outras dificuldades.

4.3 Atuar no sentido de fazer com que as apostas sejam moderadas – Isso de tal forma que não comprometam o orçamento familiar. Quanto a este aspecto, é interessante examinar os números da Tabela 3, que mostram a participação das despesas com jogos e apostas nas despesas totais de consumo, por classes de rendimento total e variação patrimonial mensal familiar.

¹³ Por exemplo, esta conexão leva à Lotofácil e seus vários aspectos, o Bolão Lotofácil entre eles: <http://www.loterias.caixa.gov.br/wps/portal/loterias/landing/lotofacil>.

Tabela 3
IBGE - Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) - 2017-2018
Participação Percentual (%) da Despesa com Jogos e Apostas nas
Despesas Totais de Consumo por Classes de Rendimento Total e Variação
Patrimonial Mensal Familiar, em R\$

Total (média)	Até R\$ 1.908	Mais de R\$1.908 a R\$2.862	Mais de R\$2.862 a R\$5.724	Mais de R\$5.724 a R\$9.540	Mais de R\$9.540 a R\$14.310	Mais de R\$14.310 a R\$23.850	Mais de R\$ 23.850
0,27%	0,31%	0,28%	0,31%	0,29%	0,23%	0,28%	0,15%

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/24786-pesquisa-de-orcamentos-familiares-2.html?t=resultados>. Acessando essa conexão, clicar em POF 2017-2018, em seguida em Tabelas e aparece Tabelas de Despesas (xls/ods) Índice de Tabelas. Clicar em xls e escolher a Tabela 1.1.1.

Note-se que essa tabela cobre despesas com jogos e apostas, não esclarecendo assim qual a parcela alocada às loterias de números, presumindo-se que seja menor, pois há outros jogos, inclusive ilegais, um assunto a esclarecer e que também será objeto de outra proposta.

Como também se percebe, a porcentagem na classe de renda até R\$1.908 é a maior, superior à média, mas não muito diferente das verificadas nas classes de renda até R\$9.540, só caindo na classe seguinte e na última. Na penúltima classe listada a porcentagem é surpreendentemente até um pouco superior à da média das classes. Na última classe, a de maior renda, a porcentagem é a mais baixa, próxima da metade das classes que apostam as quatro maiores porcentagens.

Em qualquer caso, as porcentagens mostradas pela tabela não indicam que as despesas com jogos e apostas alcançam níveis preocupantes. Conforme citação também já apresentada na introdução a este texto, Haisley, Romel e Lowenstein

(2008) se referiram a pesquisas sobre loterias estaduais de números nos EUA revelando lá os apostadores gastam aproximadamente 3% da sua renda nesse jogo, enquanto que a média da tabela acima, de 0,27%, é cerca de um décimo dessa porcentagem. Mas vale também lembrar que a renda “per capita” do mesmo país é cerca de quatro vezes o valor da brasileira.

Ademais, é preciso atentar para o fato de que a primeira classe de renda da Tabela 3 é muito ampla como representativa dos mais pobres, questão que, juntamente com outras, será objeto da proposta que se segue.

4.4 Parceria com o IBGE para obter mais dados sobre apostadores -

Essa parceria deveria buscar, entre outras, mais informações sobre: (a) um detalhamento maior das despesas em jogos e apostas objeto da Tabela 3, de modo a identificar com a maior precisão possível os dados sobre as apostas por classes de renda nas loterias administradas pela Caixa. Não sabemos se o IBGE tem essas informações mais detalhadas, mas se não tiver seria o caso de levantá-las em futuras pesquisas. Uma das perguntas pertinentes seria: quanto o apostador gasta em apostas nas casas lotéricas, pois este, ou simplesmente Lotérica, já é um nome popular dado aos locais onde são realizadas as apostas nas loterias da Caixa. (b) outra questão pertinente seria solicitar do IBGE que não usasse mais o termo “jogos de azar” ao tratar de jogos e apostas na estrutura de despesas dos índices de preços que calcula, como nos casos do IPCA e do INPC.¹⁴ Esse é um termo antiquado, caiu em desuso, e era muito voltado para o caso de loterias de bilhetes, roletas e o chamado “jogo do bicho”. Tem também um quê de negativista ao dar esse nome que deprecia o jogo como entretenimento, e ignora a sua contribuição

¹⁴ A expressão “jogos de azar” pode ser encontrada nas estruturas de gastos apresentadas na conexão <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/precos-e-custos/9256-indice-nacional-de-precos-ao-consumidor-amplio.html?=&t=downloads>. No mesmo local estão as estruturas de gastos do INPC.

para financiar várias atividades governamentais como as apresentadas na Tabela 1, além de evitar a proliferação dos jogos ilegais.

4.5 Alocar mais recursos para pesquisas sobre as loterias no Brasil, em particular sobre o comportamento dos apostadores

Esta monografia tem muitas citações da literatura em inglês dos assuntos que aborda, a razão sendo que essa literatura é muito maior. Um exemplo é dado por Crouch (2008) que ao dedicar apenas três páginas de seu artigo ao que chama de (tradução) A Tradicional Loteria Conduzida pelos Estados, cita perto de 25 estudos sobre o assunto ou relacionados com ele.

4.6 Prover maior assistência aos apostadores que exageram no jogo -

Acrescente-se que os números da Tabela 3 sobre comprometimento da renda são valores médios, e dentro da variância desses números poderão ser encontrados porcentagens bem mais altas e até casos patológicos de exagero. A reversão desses casos deve ser uma preocupação permanentes das loterias, e nas administradas pela Caixa há essa preocupação, conforme se percebe na conexão <http://www.loterias.caixa.gov.br/wps/portal/loterias> que leva a uma outra de nome Seja um Apostador Responsável, que por sua vez leva a várias opções (O Jogo Responsável, o Apostador Responsável, Princípios do Jogo Responsável, Ações de Jogo Responsável na Caixa Loterias, Responsabilidade Social na Caixa Loterias e uma Auto-Avaliação do apostador. Esta última leva ao seu final à conexão Onde Procurar Ajuda, que trata da questão objeto dessa subseção.

Ela leva a uma lista de uma página, que começa informando que “As instituições abaixo dispõem de profissionais especializados para o tratamento de doenças relacionadas aos jogos.” Segue-se uma lista que começa mencionando um

telefone 0800, com as opções 7 (Loterias) e 3 (Jogo Responsável). Quanto às instituições de atendimento com profissionais especializados, são mencionadas quatro na cidade de São Paulo e uma no Rio de Janeiro, mais os portais das organizações de aconselhamento Jogadores Anônimos e Portal: Vira o Jogo.

São muito poucas as quatro instituições de atendimento mencionadas, e concentradas em apenas duas cidades. A sugestão seria realizar um convênio com o SUS para desenvolvimento de capacidade de atendimento mais disseminada pelo país, no caso dos viciados em jogos.

Questões ligadas ao Jogo Responsável serão também abordadas na proposta que se segue.

4.7 Um portal próprio e exclusivo para o conjunto das loterias da Caixa, o loteriascaixa.gov.br ou caixaloterias.gov.br – Na linha da economia comportamental, a ideia é prover uma nova arquitetura de escolhas ao desenhar esse portal, de modo a facilitar para o apostador o acesso às várias informações sobre loterias. Na sua essência, o problema é que, na sua forma atual, integrada ao portal da Caixa, as loterias são abordadas de forma dispersa, e suas informações às vezes se misturam com as de operações bancárias usuais da mesma instituição. Para mostrar isso, seguem-se algumas observações colhidas numa visita ao portal www.caixa.gov.br quanto às Loterias Caixa, que servirão como base da sugestão de um portal próprio que unificasse e aprimorasse essas informações, ao lado de facilitar o acesso às mesmas.

Entrando no seu portal já citado, Loterias Caixa é a quarta conexão oferecida do lado esquerdo. Clicando nela aparece o resultado do mais recente sorteio de uma das loterias administradas pela Caixa. Mas isso vem junto com nove conexões

sobre produtos, serviços, atendimento e outros aspectos da Caixa. Na coluna do lado direito, após a linha Confira os Resultados, que não é uma conexão, aparecem conexões que levam aos resultados de mais quatro loterias. Só lá embaixo, novamente com o nome de Confira os Resultados, é que há uma conexão que leva aos últimos resultados das várias loterias.

Eles vêm em <http://www.loterias.caixa.gov.br/wps/portal/loterias> onde novamente aparece o resultado do último sorteio realizado e, depois de alguma hesitação do visitante, descobre-se ser preciso rolar a tela para chegar aos últimos resultados das loterias administradas pela Caixa. Mas, fazendo isso, em lugar de se chegar diretamente aos resultados, primeiro vêm duas conexões pertinentes às loterias (uma que leva às apostas online e outra que leva à conexão sobre o Jogo Responsável), e outra da própria Caixa ofertando descontos de dívidas nela contraídas.

Todas essas três conexões são encimadas por figuras ilustrativas de seu conteúdo, e só em seguida vêm a lista dos últimos resultados das loterias, precedidos pelo título da lista: Confira os últimos resultados.

Abaixo desses resultados, e em cada loteria, há a conexão Confira os Resultados, que deveria se chamar Confira os Resultados e Outras Informações, pois ela leva, sempre em cada caso, a algumas das mais informações mais importantes apresentadas sobre as loterias, quais sejam: Visão Geral, Resultados, Como jogar, Probabilidade – melhor seria probabilidades -, Mega da Virada, Bolão, Loterias Online, Arrecadação e Outros Jogos.

A análise realizada até aqui nesta subseção poderia se estender a outros aspectos, mas entende-se que os já apresentadas são suficientes para justificar a

proposta, de um portal exclusivo para as loterias da caixa, e com informações apresentadas de forma a facilitar o acesso pelo apostador. Eventualmente, serão retomados outros aspectos do site atual.

Para uma proposta bem objetiva, será apresentado como exemplo ilustrativo o portal da Florida Lottery, a loteria do Estado da Flórida, EUA, o qual pode ser examinado em seus detalhes em www.flalottery.com. Como no caso da loterias da Caixa, a Florida Lottery é uma organização estatal, e parece ser um empreendimento de tamanho econômico-financeiro bem maior, pois nesse portal ela anuncia de ter contribuído, desde 1988, com a imensa cifra de 36 bilhões de dólares para a educação e os estudantes do mesmo estado, o único destino de suas verbas de uso público. Aliás, aqui também deveria ser divulgado o valor acumulado já destinado a atividades de interesse público.

Começando pela muito menor dispersão de informações, a tela principal da Florida Lottery tem apenas uma página e meia de extensão, quase que sem espaços vazios, e dá acesso a todas as demais informações da loteria, ao contrário da dispersão dos espaços vazios nas várias páginas do portal da Caixa que tratam do assunto. Neste caso, tanto porque as informações estão em sucessivas conexões e muitas páginas dentro dele, requerendo vários cliques e o rolar de várias páginas para chegar a essas informações, o que marca a referida dispersão e toma mais tempo do visitante.

Por exemplo, chegando à página inicial da Florida Lottery, há do lado esquerdo a conexão “Winning Numbers” que clicada, ou às vezes automaticamente, apresenta símbolos e nomes das 10 principais loterias e seus últimos resultados, quanto aos respectivos prêmios maiores. Clicando-se em cada caso, chega-se aos

resultados mais detalhados, mas sempre em uma página e meia, e a resultados de sorteios anteriores, que também podem ser consultados.

Essas conexões individualizadas por loteria voltam a apresentar, do seu lado esquerdo, as conexões apresentadas na página inicial, facilitando o acesso do apostador aos resultados das demais loterias de seu interesse, pois dessa forma não é necessário voltar à primeira página.

Nota-se também que são oferecidas mais loterias, de nome “Scratch-offs”, “Fast Play” e a conexão “Game Play”. A primeira é do tipo “raspadinha”, com bilhetes que custam de US\$1 a US\$30, e prêmios de US\$ 50 a US\$ 1 milhão. A segunda é de preço e prêmios de menor valor e fornece também resultados imediatos, mas de forma eletrônica, e seus bilhetes não podem ser comprados nas máquinas de venda, como na primeira. A “Game Play” fornece aos apostadores mais informações sobre os jogos e outra loteria, a “Holiday Luck – Second Chance”, ou Sorte no Feriado – Segunda Chance, é oferecida a portadores de bilhetes perdedores, sem custo adicional. Há muitos detalhes nessas conexões e nas demais a que levam, mas sempre de forma mais condensada e voltada só para as loterias.

A página inicial tem também ao seu final uma conexão para o mapa do portal (“site map”), que dá acesso a 81 conexões, inclusive de assuntos de interesse das casas lotéricas. No portal da Caixa, sua primeira página não tem conexão para um mapa desse tipo, e procurando por ele no local de busca, vêm 19 páginas mais voltadas para documentos da instituição.

Também foi entendida como relevante uma consulta ao tratamento dado pelo portal da Florida Lottery à questão do Jogo Responsável, objeto de uma conexão com esse nome que aparece no alto da página inicial do portal (em inglês, “Play

Responsibly”). A primeira página dessa conexão começa dizendo (tradução): “Divirta-se, mas lembre-se... basta apenas um bilhete para ganhar”, mas sem se referir à questão das probabilidades, como deveria ter feito. Aliás, em lugar de “para ganhar”, deveria ter escrito “para jogar”.

Em seguida é dito que, segundo uma pesquisa (tradução), “... foi estimado acreditar-se que apenas 1,1% dos adultos têm problemas associados a jogos.” Isoladamente esse número é enganoso. Vi que em 2019 o número de pessoas adultas no estado da Flórida foi estimado em 16.166.865, com o que essa porcentagem equivaleria a 177.836 pessoas, o que não é pouca coisa.¹⁵

Depois vêm uma advertência (tradução): “Saiba seus limites. Jogue responsabilmente. Os jogos da Loteria do Estado da Florida são desenhados para ser uma divertida forma de entretenimento e de baixo custo e com o benefício adicional de ajudar a financiar a educação. Embora a maioria dos jogadores apreciem o divertimento e o entretenimento de apostar em nossos jogos, para alguns o jogo de qualquer tipo pode ser um problema.”

Seguem-se (tradução) “Dicas para um jogo seguro: Não pense em loteria como um meio de fazer dinheiro; sempre jogue com dinheiro cuja perda você pode suportar; não corra atrás das perdas; estabeleça um limite em dólares; não jogue quando você estiver deprimido ou incomodado.”

Depois vêm “10 sinais de jogo problemático (tradução): Preocupação com jogo e com formas de ganhar dinheiro para jogar; jogos com crescentes valores de dinheiro para alcançar o mesmo sentimento de empolgação; sentimento de cansaço ou irritação nas tentativas de parar ou controlar o jogo; insucesso em nessas

¹⁵ Essa informação sobre a população adulta foi obtida em <http://worldpopulationreview.com/states/florida-population/>.

tentativas por três ou mais vezes; jogar como escape de problemas ou de sentimentos desconfortáveis; retornos ao jogo para recuperar perdas ao realizá-lo; mentir sobre a sua frequência de jogos ou de perdas; dar cheques sem fundos, ou roubar dinheiro para jogar; quando o jogo causar problemas nos relacionamentos, ou no trabalho ou na escola; tomar dinheiro emprestado para pagar dívidas de jogo ou a atividade.

No site da Caixa, em <http://www.loterias.caixa.gov.br/wps/portal/loterias>, há a conexão *Seja um Apostador Responsável*, que leva a outras, entre elas a das *Principais Características do Jogador Responsável*, que faz uma lista de oito características, algumas coincidentes com as listadas no portal da Loteria da Florida. Mas no portal da Caixa, o acesso é complicado. Primeiro são apresentadas oito figuras e é preciso passar o mouse em cada uma delas para saber do que se trata. Ou seja, oito cliques para chegar a cada característica, e a clicada desaparece quando clicada outra, perdendo-se a visão do conjunto, e complicando também a eventual necessidade de rever uma das características. De novo, transparece a dispersão no provimento da informação.

No mesmo local, vêm em seguida várias páginas que apresentam o Programa do Jogo Responsável, abrangendo os 10 Elementos desse jogo, as Ações do Jogo Responsável, a Responsabilidade Social Corporativa das Loterias da mesma instituição, e um Teste de Auto-avaliação do Apostador. Aí, em termos de densidade e de conteúdo o portal da Caixa ganha do da Florida Lottery.

Voltando ao portal desta última, ainda no Jogo Responsável e no local já citado, as informações são concluídas com fontes de ajuda se necessária, enfatizando que a Loteria encoraja famílias que lutam com o vício do jogo para contatá-las. As fontes são (tradução): Conselho da Flórida para o Jogo Compulsivo,

com telefone multilíngue citado; Linha Nacional para o Jogo Problemático, com telefone para chamadas, texto e email para conversas (“chats”); a instituição Jogadores Anônimos; e uma linha de emergência na Florida. A existência desse Conselho e dessa Linha Nacional deveriam ser objeto de uma avaliação em busca de eventuais lições.

Concluindo a proposta de um portal próprio para as loterias da Caixa, cabe enfatizar que ela não tem o objetivo de simplesmente fazer um novo portal seguindo o da Florida Lottery. Este se entendeu relevante como exemplo de um portal exclusivo, mas examinado uma visão crítica, e tomando-o fonte de algumas ideias para um portal próprio das loterias da Caixa, e com uma melhor arquitetura de escolhas para o apostador brasileiro do que a oferecida pelas informações contidas no portal da Caixa.

Nessa visão crítica, ocasionalmente já utilizada acima, visitando o portal da Florida Lottery, percebe-se um grave problema. Trata-se da forma como apresenta a questão das probabilidades, à qual foi dada grande atenção neste texto, culminando com as duas primeiras propostas apresentadas nesta seção, a de disseminar maiores informações sobre as probabilidades para que o apostador esteja bem consciente do enorme risco de perda dos jogos que realiza, e o estímulo aos bolões para reduzir suas probabilidades de perda ou aumentar suas chances de ganho.

Na Florida, esse assunto recebe muito menor atenção do que nas loterias da Caixa. Isso foi percebido numa consulta ao Mapa do Site da Loteria, já citado anteriormente. Surpreendentemente, não foi encontrada qualquer referência a probabilidades ou chances (“probabilities” ou “odds”) como título de qualquer das 81 conexões a que esse mapa conduz. Depois de muita pesquisa, a referência ao

assunto foi encontrada na conexão de cada jogo, e mesmo assim ao consultar dentro delas a conexão “... Frequently Asked Questions”, ou Perguntas Realizadas Frequentemente. Na dos sorteios Powerball e Powerball Jackpot, é a pergunta de número 20 entre 32 (tradução): “Quais são as chances de ganhar um prêmio ou a de ganhar o prêmio maior? Resposta simplificada: As chances de ganhar um prêmio são de 1 entre 24,9 e as de ganhar o prêmio maior são de 1 entre 292.201.338”.

Como há outros prêmios, foi feita nova pesquisa perguntando por probabilidades no portal no lugar usual de perguntas da página inicial do portal, e isso levou à conexão <http://www.flalottery.com/exptkt/pwrball-odds.pdf>. Mas o que aparece aí é como são calculadas as probabilidades, um procedimento que remete à chamada análise combinatória, com seus arranjos, combinações e permutações. Esses cálculos são de entendimento difícil para o cidadão comum, e as informações só são úteis se ele buscar apenas os resultados das muitas fórmulas e cálculos quanto às probabilidades de acerto dos vários prêmios oferecidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARROL**, G.(2005), Choi, J., Laibson, D., Madrian, B., e Metrick, A. Andrew (2005), Optimal Defaults and Active Decisions. *NBER Working Paper* 11074, Janeiro.
- CROUCH**, D. (2008) The Patent Lottery: Exploiting Behavioral Economics for the Common Good”. *George Mason Law Review*, Nº 141 (2008). Disponível em : <https://scholarship.law.missouri.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=&httpsredir=1&article=1431&context=facpubs>.
- DOUGLAS BERNHEI**, B. (2018), DellaVigna, S. e Laibson, D., *Handbook of Behavioral Economics – Foundations and Applications*, Vols. 1 e 2. Amsterdam: North-Holland.
- FERREIRA**, V. R. (2008). *Psicologia Econômica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- GOODWIN**, N., Harris, J., Nelson, J., Roach, B., Torras, M. *Microeconomics in Context*, 3ª. edição New York: Routledge, 2015
- HASLEY**, E. (2008), Romel, M., e Lowenstein, G. (2008), Subjective Relative Income and Lottery Ticket Purchases, *Journal of Behavioral Decision Making*, 21.

KAHNEMAN, D. e TVERSKY, A. (1979). Prospect Theory: an Analysis of Decision Under Risk. *Econometrica*, 47(2), Março.

KAHNEMAN, D. (2003), Maps of Bounded Rationality: Psychology for Behavioral Economics. *American Economic Review*, 93(5). Dezembro.

KAHNEMAN, D. (2011). *Thinking, Fast and Slow*. New York: Farrar, Straus and Giroux. Versão em português: *Pensando Rápido e Devagar: duas formas de pensar*. São Paulo, Objetiva, 2012.

THALER, R.(2019), e Sunstein, C. *Nudge – Como tomar melhores decisões sobre saúde, dinheiro e felicidade*. Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

TVERSKY, Amos e KAHNEMAN, Daniel (1974). Judgment under Uncertainty: Heuristics and Biases. *Science* 185 (4157), Setembro.